



Tropa Trupe: Palhaçada Levada a Sério¹

Yana Clarissa de Amorim OLIVEIRA²
Fernanda Revorêdo de SOUZA³
André Monteiro Torquato FERNANDES⁴
Lorena de Macedo PEREIRA⁵
Solano Braz PETTA⁶
Juliana Araújo Jales de OLIVEIRA⁷
Williane Mendes PINHEIRO⁸
José Iranilson da Silva⁹
Universidade Potiguar, Natal, RN

RESUMO

O presente *Jingle* faz parte de campanha publicitária produzida pela agência Experimental 'Beta Comunicação', como requisito para a conclusão do curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Potiguar. Para a realização desenvolvemos uma campanha completa para o cliente real, Tropa Trupe Cia de Artes, grupo circense e cultural da cidade de Natal. Inicialmente desenvolvemos um referencial teórico que analisa o nascimento, evolução e o desenvolvimento das atividades circenses, a fim de relacioná-las com a Tropa Trupe Companhia de Artes; traçamos o perfil do nosso cliente e depois aplicamos uma pesquisa de opinião para elaboração do conceito. A campanha executa e analisa o mercado, através de uma pesquisa para companhia, planeja estrategicamente a realização da campanha publicitária. Sugestiona peças publicitárias para fazer parte da campanha.

PALAVRAS-CHAVE: Rádio; Circo; Artes;

INTRODUÇÃO

O presente trabalho é um projeto experimental, realizado como requisito para a conclusão do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Publicidade e Propaganda, da Universidade Potiguar (UnP). Neste projeto, a agência Beta Comunicação sugere

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria Publicidade e Propaganda, modalidade Jingle.

² Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Publicidade e Propaganda, email: nana.amorim@gamil.com

³ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Publicidade e Propaganda, email: fernandarevored@hotmai.com

⁴ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Publicidade e Propaganda, email: andre@artc.com.br

⁵ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Publicidade e Propaganda, email: lolo_macedo@hotmai.com

⁶ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Publicidade e Propaganda, email: badbraw@hotmai.com.

⁷ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Publicidade e Propaganda, email: citipow@hotmai.com.

Estudante do 8º. Semestre do Curso de Publicidade e Propaganda, email: angelot_sexy2@hotmai.com

⁹ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Publicidade e Propaganda, email: iranilsonsilva@unp.br.



solucionar os problemas de comunicação existentes na Tropa Trupe Companhia de Artes, um cliente real na área de entretenimento cultural do seguimento circo teatro na cidade de Natal (RN).

Por meio da definição do circo teatro, vertente artística seguida pelo grupo, podemos entender, de forma clara e sucinta, como funciona o seu trabalho. Segundo Rabaça e Barbosa (2001, p.136), “chama-se circo teatro o que inclui peças teatrais em seu repertório”.

A Tropa Trupe é uma companhia artística circense, formada por artistas profissionais que produzem atividades ligadas às diversas áreas como teatro, circo, fantoches, teatro de rua, oficina, pernas de pau, pirofagia, e que estão sempre em busca de novas técnicas e possibilidades de expor o seu trabalho.

O responsável pela idéia foi Rodrigo Bruggman, que começou andando de pernas de pau pela cidade e fazendo aparições despreziosas em eventos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), em Natal.

Uma cidade onde a assiduidade aos teatros e circos é muito baixa percebemos a necessidade de modificar essa realidade, buscando voltar os olhos da sociedade natalense através de uma campanha publicitária completa.

O nosso objetivo é tornar a trupe conhecida e assim, fortalecer a marca do uso de mídias alternativas e tradicionais, pretendemos alcançar nosso objetivo de forma satisfatória com esse trabalho.

2 OBJETIVO

Elaborar uma peça eletrônica (jingle) como parte da Campanha completa do nosso cliente, a Tropa Trupe Companhia de Artes, para fixar na memória dos natalense a esse grupo de arte.

3 JUSTIFICATIVA



O cliente Tropa Trupe Companhia de Arte, escolhido para a realização deste Trabalho de Conclusão de Curso, é um grupo de artistas profissionais que desenvolvem em diversas áreas como: teatro, circo, fantoches, teatro de rua, oficinas e estão sempre em constante busca por novas técnicas e possibilidade de mostrar a sua arte. Aproveitando o ensejo, decidimos elaborar uma campanha completa para o cliente em questão com o objetivo de tornar conhecidas suas ações na área de cultural, mais especificamente de circo e circo-teatro na cidade de Natal.

O circo é uma casa de espetáculo autônomo, geralmente itinerante e desmontável, com formato circular, coberta e cercada por lona. Normalmente possui agregada a sua estrutura um conjunto de habitações, também desmontáveis, trailer ou em outro tipo de veículos sobre rodas. Essas habitações servem de lares para armazenar a infraestrutura de apoio necessária a seu funcionamento.

O circo há muito tempo, traz a arte para perto das pessoas. Existem registros descobertos na China, que datam de quatro mil anos antes de Cristo (a.C.), que mostram pinturas de acrobatas, contorcionistas e equilibristas. Com isso, é possível acreditar que a arte circense foi inventada pelos chineses. Em dois mil e quinhentos a.C., outros registros de malabaristas foram descobertos no Egito. Em 300 anos a.C., na Grécia, os primeiros palhaços já arrancavam gargalhadas do povo.

O primeiro circo teria sido construído por Rômulo e surgiu na Roma. Vem dessa época o dito que se referia às pessoas menos favorecidas: ‘pão e circo’. Com a queda do império romano, os espetáculos circenses entraram em decadência e os circos foram abandonados ou ficaram em segundo plano.

O espetáculo circense moderno nasceu por volta de 1770, quando o inglês Philip Astley organizou um espetáculo eqüestre e decidiu enriquecer as apresentações, intercalando aos números hípicas e exibição de saltimbancos, saltadores e palhaços. Apoiado no princípio de que é mais fácil manter-se em pé em um cavalo a galope do que desenhar um círculo perfeito, por causa da força centrífuga, escolheu uma pista redonda. O picadeiro circular se conserva até hoje como espaço cênico dos circos. Astley impõe também outros elementos que conversam com o circo: disciplina militar, uniformes, o rufar dos trombones. Os saltimbancos começaram a enriquecer seus números, usando os cavalos como plataformas de suas acrobacias. O palhaço da companhia fez paródia do recruta em suas primeiras e desastradas tentativas de montar. Surgiu ai os primeiros palhaços a cavalo.



Em 1772, Astley chegou a França com grande sucesso. A difusão dos espetáculos circenses começou pela Europa e pessoas como: Johan Hinné, Jean Porté, Theodoro Sidoli, entre outros foram grandes responsáveis pela existência da magia do circo.

Anos mais tarde, em 1782, o nome circo foi utilizado pela primeira vez, pelo Inglês Charles Hughes, criador do Circo Real.

Durante o século XIX, os principais diretores de circos foram artistas eqüestres. Os nomes mais célebres estão associados aos dos seus cavalos. Pouco a pouco, várias modificações foram introduzidas de jaulas de ferro armada no centro do picadeiro por C. Hagenbeck, em 1888, ele deu um dinamismo definitivo aos números de feras: diante do público protegido, o domador junto aos animais, fazendo-os saltar uns sobre os outros, atravessaram círculos de fogos, ou sentaram em pequenos bancos. Entre os artistas que são atrações no picadeiro dos circos, estão os contorcionistas, os engolidores de fogo, mágicos, ilusionistas entre tantos outros.

O circo como conhecemos, pago e com picadeiro, surgiu a partir do século XVIII. Nos séculos XIX e XX, as companhias de circo se espalharam pela Europa, América e no Brasil, e foram adotadas pelas famílias de saltimbancos.

No Brasil, foi a partir de 1930 que se instalou junto ao picadeiro, um palco para representar dramas, e, assim, o teatro ingressou no circo, sendo absorvido definitivamente pela tradição circense como um novo elemento.

O conceito de teatralidade circense engloba as mais variadas formas de expressão artística constituintes do espetáculo do circo. Qualquer apresentação, seja acrobática, entrada ou reprise de palhaço, representação teatral, entre outras, é expressão e constitui a teatralidade circense, pois é composta pelo ato de conjugar controle de um instrumento gestos, coreografia, comunicação, não verbal (facial e corporal) com o público, roupa, maquiagem, música, iluminação, cenografia e relação com as outras representações no espetáculo. (SILVA, 2007, p.19-20).

Com a chegada do circo teatro, os espetáculos passaram a ser divididos em duas partes. Na primeira, havia as apresentações no picadeiro, com números de variété, que, em português, significa variedade, com artistas fazendo números aéreos e de solo; na segunda, eram realizados no palco os dramas.

31. O circo no Rio Grande do Norte

Não podemos precisar a data de aparecimento do circo no Rio Grande do Norte, mas, segundo o artista circense Moura (2009), ele afirma que:

Se observa nas histórias e relatos de velhos artistas circenses, que os anos entre 1910 e 1920, aparecem como sendo uma época boa, onde se via constantemente companhias circenses viajando em lombos de jegues, se deslocando entre cidades e vilarejos do Seridó, Trairi e Alto Oeste.

A história do circo vem acompanhada de muita oralidade e paixão. O circo absorve o artista com o sentimento de pertencer aquele espaço, não só como um trabalho, mas como vida, o artista vive o circo. O Palhaço Facilita se tornou potiguar de coração e administra o circo que leva seu nome criado na cidade de São José de Mipibú, atuando apenas no raio do nosso estado. Mas muitas são as famílias potiguares que desenvolvem com louvor essa grandiosa arte, assim como a família Azevedo, filhos do palhaço Muriçoca que vive em Santa Cruz. A família Silva de Várzea, a família Carmo de Macau e Pendências, a família Saturno de Assú, que leva seus vários artistas e circos pelos quatro cantos do estado.

Em outubro de 2001, foi a estreia do primeiro circo de Natal, o Circo Teatro Cara Melada, dos palhaços Espaguete e Ferrugem, Nil Moura e Gena Leão respectivamente, assim como eles, muitos artistas locais não representam a tradição das famílias circenses, mas fazem parte de uma nova geração de artistas que buscam a informação e formação acadêmica para dar embasamento aos seus espetáculos e estarem em constante reciclagem.

Hoje em dia, a maior dificuldade do circo no Brasil e principalmente no Rio Grande do Norte é o terreno. Falta local plano com abastecimento de água. Nos países Europeus, já existem os locais definidos para o circo, com terreno todo gramado e instalações elétricas e hidráulicas. As políticas públicas de incentivos aos circos são escassas e precárias, falta a união dos profissionais do circo para conseguirem, junto ao poder público, essas ações.

Para Moura (2009), hoje o circo passa por um período de transição como foi na época do circo moderno, atualmente surge o ‘circo novo’, que tem como vitrine o *Circu di Solei*, onde o teatro está muito associado ao circo e os artistas estudam, se reciclam para fazer uma arte mais elaborada.

A divulgação dos circos de pequeno e médio porte no RN, não possui grandes variedades, são feitas através de panfletos, carros de som, desfile dos artistas pela cidade, visitação as escolas, distribuição de bônus e mídias espontâneas na imprensa.

Em 2000, surge a ideia de ensinar a arte circense em Natal, quando a Companhia de Teatro Cara Melada manteve a lona armada no pátio do Museu Câmara Cascudo. Na época, alunos de teatro da UFRN frequentavam o espaço e aprendiam em oficinas, algumas técnicas de trapézio, malabarismo e palhaçadas. O grupo permaneceu no local por três anos,



mas sem incentivos financeiros voltou para a Europa. No final de 2006, com cachês de três anos de trabalho, voltaram dispostos a seguir adiante com o projeto. “Não tivemos uma escola quando estávamos aqui, por isso idealizamos uma”, conta o responsável Jonilson Moura, o Nil, ao jornal Tribuna do Norte em 2007.

Os potiguares Nil Moura e Gena Leão, diretores do Circo Grock desenvolvem um importante trabalho de pesquisa e divulgação das artes circenses no RN. Com mais de 18 anos de atividades.

Em parceria com a UFRN, entre os anos de 2001 e 2003, criaram o ‘Gran Circo Trampolim’ e o ‘Circo Teatro Cara Melada’, atuando como fomentadores da cultura circense e multiplicadores culturais no programa de oficinas permanentes, que aconteceram no pátio interno do Museu Câmara Cascudo.

Hoje em dia, organizam e dirigem a primeira escola de circo do RN, a ‘Escola potiguar das Artes do Circo’ (EPAC). E contam com a colaboração voluntária de mais 15 profissionais, entre eles: circenses, atores, técnicos, advogados, sociólogos, pedagogos, professores de música e dança.

Nil Moura, presidente da associação, explica que o projeto foca principalmente esses jovens carentes, porque é uma maneira de ocupá-los. “Eles vão com sede, não tem medo e usam a energia para a arte do circo”. A única exigência é que a criança frequente uma escola regular. Mas, se por um lado o circo tem o lúdico muito forte, por outro para aprender suas técnicas é preciso muita disciplina e comprometimento. Por isso, para participar das oficinas e da escola de circo existem alguns pré-requisitos: "Espalhamos editais de convocação em escolas públicas, entramos em contato com outras entidades que já desenvolve algum trabalho com o nosso público alvo e a partir daí fazemos um exame de admissão. Onde as crianças e adolescentes interessados fazem teste de aptidão, para saber que modalidades e habilidades eles estão mais aptos a desenvolver", esclarece.

A escola de circo conta com a colaboração da Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social (Semtas). Além do casal idealizador, outros sete artistas participam do projeto, entre eles o filho e o sobrinho de Nil e Gena.

Outro personagem importante na história do circo potiguar é o palhaço Fuxiquinho ex-integrante do antigo Gram Campelo Circo, que já foi considerado um dos melhores do Brasil. O Gram Campelo era propriedade do pai de Fuxiquinho, o senhor Horácio Campelo, e mais dois irmãos, Jorge e Marlene, filhos de peruanos que há, duas gerações, viviam da arte de fazer circo.



O Gram Campelo visitou todo o RN, do litoral até o interior, a grande Natal e pequenos distritos que se encantavam com o circo e com os palhaços. Na cidade de Pau dos Ferros, a 400 quilômetros da capital, Fuxiquinho conheceu Emanuelle, que logo se tornou sua esposa. Os dois se casaram e foram morar em Mossoró. Emanuele não demorou a aprender as artes circenses, tornando-se contorcionista.

Apesar do grande sucesso, o Campelo Circus fechou. Mas o show não pode parar, ele tem que continuar. E aqueles que nasceram no circo não poderiam viver sem ele. Começava uma nova fase na vida de Horácio e de sua família. Morria o Gram Campelo Circus e nascia o Circo do Fuxiquinho, que logo ganhou o carinho e o acolhimento dos mossoroenses.

O circo Fuxiquinho nasceu em Mossoró, no bairro Bom Jesus, com uma lona que media 16x21m, hoje somente a principal mede 28x38m, fora as outras duas. Completou sete anos de existência em janeiro deste ano, mesmo com dificuldades para se manter e sem contar com o apoio de governantes, o circo tem orgulho de levar o nome de Mossoró por onde passa e desde então se fixou no solo da terra de Santa Luzia, adotando Mossoró como sua casa de morada.

Desde que foi fundado, o circo conta com um grande público e até com um fã-club, que se chama 'Sou + Fuxiquinho'. Fuxiquinho já ganhou festa de aniversário do seu público. Para ele, "é uma emoção muito grande ter um público tão fiel e saber que o palhaço ainda tem algum valor em um país 'modernizado', onde algumas pessoas consideram os palhaços como coisa do passado", diz.

Agora, a equipe é formada por mais de 50 componentes. Entre eles, está o menor palhaço do Brasil, Pipoquinha, que, segundo o dono do circo, só trabalha quando quer. É um circo simples, mas que possui um palhaço querido e tem o essencial, que é muita união e força de vontade. Está longe de ser um circo modernizado, não produz nenhum efeito especial, mas possui a alma de um grande circo, proporcionando o sorriso da criança. Não é nada de tão moderno, mas, com certeza, é o que há de mais natural.

Um dos maiores motivos que deixou o Fuxiquinho popular foi à gravação do espetáculo em DVD. Pioneiro, o esse circo foi quem primeiro, no País, teve a ideia de transformar o espetáculo em vídeo. Já são três DVDs gravados oficialmente, que ajudam a divulgar o trabalho da trupe.

Outra idéia de Alexander é trazer para Mossoró o circo-escola, um projeto que alia arte e educação. "Esse projeto existe em Canoa Quebrada (CE) e seria muito bom se tivéssemos ele aqui. Há tempos pretendo trazê-lo para cá e vou conseguir", salienta.



4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

O Jingle consiste em uma mensagem publicitária musicada e elaborada com um refrão simples e de curta duração, com o objetivo de ser facilmente lembrado pelo ouvinte de rádio. Podemos considerá-lo como uma música feita com exclusividade para um produto (mercadoria), empresa ou instituição, como é o nosso cliente a Tropa Trupe Cia de Artes. Sobre o jingle, podemos dizer que ele tem

[...] um *slogan* memorável, feito com uma melodia cativante, transmitido em rádio e, algumas vezes, em comerciais de televisão. Um jingle eficiente é feito para "prender" na memória das pessoas. Por isso é tão comum que as pessoas lembrem de jingles que não são mais transmitidos há décadas. (JINGLE,...2010).

O primeiro jingle foi produzido em 1926, nos EUA, para um cereal matinal chamado *Wheaties*, cujo slogan principal é "Para um café da manhã de campeões". O auge do jingle foi na década de 1950, nos Estados Unidos, durante boom econômico. O Jingle era usado em diversos produtos, como cereais matinais, doces, tabaco, bebidas alcoólicas, carros e produtos de higiene pessoal.

Para a produção da nossa peça eletrônica utilizamos os métodos e técnicas radiofônicas e a linguagem e musicalidade do rádio. A linguagem clara foi a nossa meta no jingle. Segundo Porchat (1993, p.97), “contar apenas com audição significa que o som deveria suprir a falta da imagem. Isto demanda uma linguagem mais do que clara, uma linguagem nítida”. Por isso, estabelecemos que a nossa peça tivesse uma mensagem clara, alegre e circunscrita, como sugere o nosso cliente.

Sobre a linguagem do rádio, a audição é passageira e fugaz, e deve ser clara e objetiva. Para a elaboração do nosso jingle levamos em consideração esses elementos para a boa compreensão do ouvinte.

A audição é passageira. Não se pode voltar atrás para ouvir uma informação que não se entendeu. Muitas vezes liga-se o aparelho no de uma reportagem. Novamente surge a imposição de uma linguagem nítida e também repetitiva, com relação às ideias básicas de uma informação. É preciso saber quando e como repetir para não cansar o ouvinte. (PORCHAT, 1993, p.97).

A repetição assinalada pela autora, foi pensada e colocada de modo agradável para o realce da mensagem do nosso cliente, visto que é um jingle institucional e visa fixar no



radiouvinte o nome da Tropa Trupe Cia de Artes. Usamos o nome do nosso cliente e realizamos trocadilhos para registrar na memória do ouvinte o nome do nosso Cliente: “Trapa, trepa, tripa, tropa, trupe, trupa, trupe”.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O nosso Jingle faz parte da campanha completa da agência experimental Beta Comunicação, para o cliente real Tropa Trupe Cia de Arte, sob o título ‘palhaçada levada a sério’. A peça tem duração de 30 segundos.

Idealizamos a peça eletrônica em forma de jingle usado como método a repetição do nome Tropa Trupe, no início da peça, com o objetivo de fixar o nome do cliente, a lista de atividades relacionadas no trecho seguinte faz com que o público conheça as atividades realizadas pelo grupo, tudo isso em um ritmo de espetáculo circense, alegre e divertido. Ao longo da peça, o nome do cliente é repetido diversas vezes, com o objetivo de massificar a marca. A seguir o nosso jingle:

Trapa, trepa, tripa, tropa, trupe, trupa, trupe.
Circo, palhaço, alegria e diversão.
Tropa Trupe.
Música, teatro, humor e emoção.
Tropa Trupe.
Aprenda com a gente e entre nessa curtição.
Tropa trupe Cia de arte.
Fone: 8865-8732.
Tropa trupe,
Palhaçada levada à sério.

6 CONSIDERAÇÕES

Durante todo o processo de desenvolvimento do trabalho acadêmico de conclusão de curso de Publicidade e Propaganda da Universidade Potiguar, procuramos conhecer o universo do cliente, a Tropa Trupe Companhia de Arte, através de um estudo sobre a origem do circo, teatro e circo teatro, vertentes artísticas do grupo.

Ao longo disso, realizamos uma pesquisa de mercado para entender como se comporta o público natalense, diagnosticando os seus principais problemas, para que assim, pudéssemos traçar estratégias e soluções para a nossa campanha.



Através de um planejamento e ações de mídia, a ‘Beta Comunicação’ desenvolveu uma campanha publicitária completa voltada para o fortalecimento da marca, e assim, acreditamos ser possível resolver todos os problemas do nosso cliente.

Nesse estudo, a agência mostrou-se interessada em conhecer profundamente o cliente, que passou a frequentar todos os espetáculos, não apenas na sua sede, como também em outros lugares que trupe apresentava seus espetáculos. Essa ação facilitou em demasia a realização de um trabalho coeso com o universo artístico em que o nosso cliente está inserido.

Com isso, foi possível perceber como a cidade de Natal (RN) é carente em eventos e artes, como também grande parte da população não valoriza a cultura local, o que faz com que seja muito difícil viver de arte na cidade. Portanto, com este trabalho sugerimos que o nosso cliente faça a captação de recursos, ou até mesmo, conseguir parcerias para a viabilização dos seus espetáculos circenses e artísticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MAGALDI, Sábato. **Panorama do teatro brasileiro**. São Paulo: Global, 1999.

MOURA, Jonilson. Entrevista concedida a Juliana Araújo sobre o circo na cidade de Natal. 22 de set de 2009.

JINGLE. Disponível em: < <http://pt.wikipedia.org/wiki/Jingle>>. Acesso em: 30 de abr. 2010.

PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de radiojornalismo**: jovem pan. 3 ed. São Paulo: ática, 1993.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. **Dicionário de comunicação**. Rio de Janeiro: editora Campos, 2001.

SILVA, Ermínia. **Circo-teatro**: Benjamim de Oliveira e a teatralidade no circo brasileiro. São Paulo: Altana, 2007.